

A vila de Santo Antonio do Paraibuna: apontamentos sobre algumas variáveis e características da população cativa, século XIX

Jonis Freire*

Resumo:

Este texto aborda a Zona da Mata Mineira, mais especificamente a Vila de Santo Antonio do Paraibuna (Juiz de Fora), a maior produtora de café e a possuidora do maior número de cativos da Província Mineira no século XIX. São análises preliminares acerca de algumas variáveis e características demográficas (origem; sexo; faixa etária; procedência; número de cativos) e outras que procuram abordar os vínculos familiares dos cativos (estado conjugal; endogamia/exogamia) nas posses de escravos de três grandes proprietários de terras e de cativos - Capitão Antonio Dias Tostes, Comendador Francisco de Paula Lima, Capitão Manoel Ignácio de Barboza Lage. Para tanto, utilizamos como fontes mapas de população para Minas Gerais (1831), partilha de bens, inventários e testamentos. Nota-se uma supremacia dos homens com relação às mulheres, bem como indícios que aquelas propriedades podem ter contado, no que diz respeito ao aumento do número de cativos, com processos de reprodução natural associados ao tráfico de escravos, sendo que num determinado momento à maioria destes cativos era oriunda da África Central ou Centro-Oriental. Foi possível perceber a formação de famílias cativas, casais com ou sem filhos além de mães e filhos.

Palavras-chave: zona da Mata Mineira; posse de escravos; família escrava

* Mestre em História da Cultura Social, UNESP/Franca; Doutorando em História Social da Cultura, CECULT/Unicamp, sob orientação do Professor Dr. Robert W. Slenes. Rua Abel Jose Bonomi, 220 – Vila Santa Isabel – Distrito de Barão Geraldo – Campinas/S.P. – 13084-654 - E-mail: jonisfreire@yahoo.com.br

Essas são análises preliminares acerca das posses de escravos da família de três grandes proprietários de terras e de cativos - Antonio Dias Tostes; Francisco de Paula Lima e Manuel Ignácio de Barboza Lage.¹ Utilizamos, como fontes, para a primeira família, os mapas de população de 1831² e a partilha dos bens de 1837; para os Paula Lima o inventário do Comendador Francisco de Paula Lima de 1866 e para os Barboza Lage o inventário do Capitão Manoel Ignácio de Barboza Lage de 1868.

A historiografia demonstra que, em algumas regiões do país, uma estratégia muito utilizada pelas famílias da elite foi a união a outras famílias, por meio do casamento entre seus “iguais”, a fim de manterem e aumentarem suas fortunas e prestígio.³ Tal não foi diferente entre estes três proprietários na cidade de Juiz de Fora.

A família de Antonio Dias Tostes, por exemplo, estabeleceu relações, sobretudo por meio do casamento, com a família de Mariano Dutra de Moraes, outro grande proprietário de terras e escravos e com inúmeras dívidas ativas. Segundo Mônica Ribeiro, “O processo de sucessão das duas fortunas revelou uma conduta de partilha que conduziu à indivisibilidade.”⁴

O Comendador Francisco de Paula Lima também utilizou tal estratégia para a manutenção/ampliação de sua fortuna. Casado em primeiras núpcias com sua sobrinha Maria Cândida de Lima, o que lhe conferiu por meio da herança enriquecer seu patrimônio, casou-se em segundas núpcias com Francisca Benedicta de Miranda Lima, filha do Visconde de Uberaba também detentor de prestígio e fortuna.⁵

¹ ANDRADE, Rômulo Garcia. Escravidão e cafeicultura em Minas Gerais: o caso da Zona da Mata. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. Editora Marco Zero, STC/CNPq/FINEP, vol. 11, n. 22 mar/ago. 1991.

² Cf., entre outros, sobre as possibilidades destas listas: PAIVA, Clotilde Andrade. Minas Gerais no século XIX: aspectos demográficos de alguns núcleos populacionais. In: COSTA, Iraci Del Nero da (org.). *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

³ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista 1765-1855*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

⁴ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Negócios de famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira, 1780-1870*. Bauru, S.P.: Edusc; Juiz de Fora, M.G.: FUNALFA, 2005, p.167. Segundo a mesma autora, essa foi prática muito utilizada entre as principais famílias de Juiz de Fora naquele período, o que gerou naquela localidade famílias de importância muito significativa na Província mineira e também na Corte carioca. A pesquisadora aponta que muitos dos laços criados entre essas famílias, principalmente mas não só pelo casamento, se deram com famílias da localidade e com outras oriundas da Borda do Campo (Barbacena) e da região próxima a São João Del Rei. Os proprietários por nós pesquisados, pelo menos os Dias Tostes e os Paula Lima também estudados por ela, certamente se utilizaram desses recursos naquele momento.

⁵ RODRIGUES, André Figueiredo. *Um potentado na Mantiqueira: José Aires Gomes e a ocupação da terra na Borda do Campo*. São Paulo: USP, 2002. (Dissertação de Mestrado)

Quanto a Manoel Ignácio Barboza Lage, não nos foi possível ainda estabelecer uma relação de proximidade com alguma família de elite a fim de auferir para si uma estratégia de ampliação de seu cabedal anterior ao seu inventário. Entretanto, conseguimos visualizar essa estratégia após sua morte, com a união de sua família à dos Moretzsohn, com a qual sua esposa contraiu segundas núpcias com um de seus integrantes, chamado Augusto Moretzsohn.⁶

O Capitão Antonio Dias Tostes foi um dos pioneiros⁷ na ocupação da Zona da Mata Mineira. Casado em primeiras núpcias com Dona Anna Maria do Sacramento, esse proprietário de terras e de homens aparece na lista nominativa do Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, em 1831, habitando o fogo de número 102, juntamente com sua esposa, nove filhos, dois libertos e 147 cativos.⁸ Ainda de acordo com esta lista, o avaliador José Bastos Pinto dá-nos um panorama da população existente na paróquia, pelo menos aquela por ele recenseada. Ao fim do censo, no dia 18 de novembro de 1831, temos a informação de que foram recenseados naquela localidade 118 fogos, contando com um número total de habitantes de 1419; sendo livres 586 e cativos 833. Como dissemos, o Capitão Antonio Dias Tostes possuía um total de 147 escravos, ou seja, o equivalente a aproximadamente 17,6% dos cativos da localidade, credenciando-o, assim, como o maior possuidor dentre os avaliados naquela lista de habitantes.⁹

No que diz respeito às características de sua posse em cativos, encontramos alguns escravos no estado de casados, são quarenta e um indivíduos indicados como tal 27,5% do total, entretanto, não há referência alguma aos cônjuges dos mesmos nesta fonte, exceção feita à Antonia, crioula liberta de cinquenta anos, casada com o escravo Roque africano, com a mesma idade; os cativos solteiros somam cento e seis indivíduos, 64,4%, e os outros 8,1%, doze indivíduos, não possuem essa variável descrita. É interessante notar que todos eles possuíam idade entre dois e dez anos. No que diz respeito às ocupações dos cativos, não há qualquer menção, talvez por sua condição de cativo os mesmo fossem considerados

⁶ Prestação de contas testamentárias de Dona Florisbella Francisca de Assis Barboza Lage, 1887. Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cartório do 1^o-Ofício Cível. (Doravante AHUFJF).

⁷ Oliveira, Paulino de.

⁸ As listas foram organizadas por domicílios, com a relação nominal de todos os indivíduos pertencentes aquele fogo. Para cada indivíduo há informações sobre os nomes, qualidade (branco, africano, crioulo), condição social (cativo, liberto) idade e estado conjugal, além das ocupações. O sexo pode ser identificado pelo nome das pessoas. Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. Arquivo Público Mineiro (doravante APM). Caixa 09; Documento 04.

⁹ *Ibidem*

“pau pra toda obra”, ou seja, afeitos a qualquer tarefa e a nenhuma em específico, a exceção a esta regra se dá com José Maria, de quarenta anos, casado, e feitor, e também com o outro liberto Ambrosio africano, com sessenta anos, solteiro, designado como roceiro.

Essa fonte possui uma variável denominada “*qualidade*”, na qual estão descritos os cativos de acordo com sua origem. Os africanos perfizeram a grande maioria dos cativos existentes naquele fogo, são cento e nove cativos ou 86,5%; em seguida vêm os escravos descritos como crioulos, num total de dezoito, 12%, o recenseador incluiu nesse grupo dois escravos descritos como pardos (1,3% do total). Talvez essa terminologia tenha sido utilizada para designar filhos de “pretos” e “pardos” ou de dois “cabras”, se este foi o caso, podemos supor que estes dois cativos deveriam ser “crioulos”. (Tabela I)

Tabela I
Origem dos cativos de Antonio Dias Tostes, 1831*

Origem	Nº de cativos	%
Africanos	128	87,1
Crioulos	17	11,6
Cabras	02	1,3
Total	147	100,0

Fonte: Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. APM. Caixa 09; Documento 04.*Decidimos manter, pelo menos por enquanto, nesta tabela, tal como apareceu na fonte, a variável *qualidade* os escravos denominados cabras; cabe ressaltar ainda que os dois libertos constituíam-se de um homem africano e de uma mulher liberta.

O fato de não contarmos nesta fonte com designações menos genéricas do termo africano, bem como nenhuma referência aos nomes de maridos e esposas, não nos permite inferir um pouco mais acerca das escolhas, no tocante ao casamento, ou seja, sobre a endogamia ou exogamia nos casamentos daquela posse. O único casal efetivamente descrito foi o de um escravo africano e uma escrava crioula liberta. Talvez pelo menos num primeiro momento seja possível supor que pode ter havido uma endogamia no que diz respeito ao casamento entre africanos, sobretudo, porque os mesmos representam a imensa maioria dos cativos daquela posse no ano de 1831, noventa e cinco africanos (um liberto) e trinta e três africanas contra nove crioulos e nove crioulas (uma liberta), além dos dois cabras.

A tabela II nos permite tecer algumas considerações a respeito da faixa etária na qual encontravam-se aqueles cativos. Na faixa de 1-14 anos encontram-se vinte e cinco escravos africanos, 16,8%; oito crioulos, 5,3% e as duas pardas, 1,3%. Na segunda faixa etária, e a que abriga o maior número dos cativos de Antonio Dias Tostes àquela época,

estão inclusos noventa e nove africanos, 66,4%, e seis crioulos, 4,1%. Finalmente a última faixa, e a que contempla o menor número de cativos possui cinco africanos, 3,4% e dois crioulos, 1,3%. Cabe ressaltar neste momento que é nesta faixa etária que se encontram os libertos Antonia crioula e Ambrosio africano.

Se subtrairmos os cativos na faixa de 1-14 anos do total de escravos encontrados na posse do Capitão Antonio Dias Tostes em 1831 (tabela I), encontramos um total de cento e três africanos e nove crioulos, que se encontram dentro das duas outras faixas etárias expostas na tabela abaixo, ou seja, havia um percentual de 92% de africanos e 8% de crioulos. Fica claro, então, que o maior proprietário de escravos daquela localidade possuía uma posse majoritariamente composta de africanos em idade produtiva.

TABELA II
Sexo e faixa etária dos cativos do Capitão Antonio Dias Tostes em 1831

Faixa etária	1-14 (crianças)	%	15-40 (jovens)	%	41+ (idosos)	%	Total	%
Sexo								
Masculino	21	14,3	78	53,1	5	3,4	104	70,7
Feminino	14	9,5	27	18,4	2	1,4	43	29,3
Total	35	23,8	105	71,4	7	4,8	147	100,0

Fonte: Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. APM. Caixa 09; Documento 04.

Alguns anos mais tarde na partilha dos bens de Dona Anna Maria do Sacramento, esposa de Antonio Dias Tostes, ocorrida no ano de 1837, temos a oportunidade de avaliar um pouco mais a posse de escravos deste senhor. Notamos um aumento do número de cativos levados à partilha, que totalizam aquela época, 183 escravos, ou seja, durante este intervalo de tempo a posse de cativos desta família aumentou 24,49%, em relação aos listados em 1831, agregando 36 escravos aquela comunidade. Alguns deles foram entregues para pagamento de dívidas, notadamente os com algum problema ou deficiência de saúde, totalizando 29 cativos; a maioria 78 escravos ficou com o viúvo, e o restante, 76 desses cativos foram partilhados entre os herdeiros Marianno Dutra de Moraes, Antonio de Macedo, José Antonio Henriques, Manoel José Pires, Manoel Dias Tostes, Severino Dias Tostes, Marcelino Dias Tostes, Antonio Dias Tostes, Custódio Dias Tostes, Cândida Maria Carlota, Marianno Dias Tostes e Cassiano Dias Tostes.¹⁰

¹⁰ Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF.

Interessante perceber que no ato da partilha, com relação ao número de escravos partilhados entre os herdeiros, podemos notar que os filhos do Capitão e da finada Dona Anna Maria do Sacramento, neste grupo encontram-se a herdeira Cândida e todos os filhos homens do casal, receberam cada um, no mínimo, seis escravos e no máximo oito. Os herdeiros denominados cabeça de casal, por representarem ali suas esposas, receberam no mínimo três, e no máximo quatro escravos, exceção feita ao herdeiro Antonio de Macedo, único que não aparece como devedor do casal. Neste cálculo existem outras variáveis a serem consideradas como, por exemplo, o valor dos dotes doados (inclusive em escravos) aos filhos e filhas de Antonio Dias Tostes e as dívidas entre os herdeiros com o casal. Entre os devedores do casal figuravam alguns dos herdeiros, mesmo assim talvez possamos pensar que no ato da partilha houve um favorecimento aos filhos do casal, em sua maioria homens, no que diz respeito ao número de cativos partilhados visando quem sabe, dotar esses indivíduos de um a força de trabalho, propiciando-lhes um começo promissor no que diz respeito ao início de suas posses em escravos.

Quanto à origem dos cativos, a partilha dos bens mostra que sua grande maioria ainda continuava a ser de africanos, cento e sete escravos, totalizando 58,5% da posse, os crioulos representavam 17,5%, e aqueles onde não foi possível se saber esta variável perfazem 24,0%.

TABELA III
Origem dos cativos de Anna Maria do Sacramento, 1837

Origem	Nº de cativos	%
Africano	107	58,5
Crioulo	32	17,5
Não consta	44	24,0
Total	183	100,0

Fonte: Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF (Fundo em fase de organização).

Como já dissemos, há um aumento no número de cativos existentes entre a lista de habitantes de 1831 e a partilha dos bens que se dá no ano de 1837. Ao que tudo indica a mesma contou com processos de reprodução natural. Embora a percentagem tenha variado pouco, em números absolutos parece ter ocorrido um aumento considerável na posse dos Dias Tostes. (Tabela IV)

TABELA IV
Número de cativos com relação ao sexo entre os cativos de Antonio Dias Tostes e Anna Maria do Sacramento, 1831-1837

Ano Sexo	1831		1837	
	nº	%	nº	%
Masculino	104	70,7	130	71,0
Feminino	43	29,3	53	29,0
Total	147	100,0	183	100,0

Fonte: Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. APM. Caixa 09; Documento 04. Partilha dos bens de D Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF.

A partilha nos possibilitou conhecer quarenta e sete cativos descritos como casados, 25,7%, vinte e dois casais descritos; outros três homens possuíam a condição de casados entretanto não há menção alguma as suas esposas e há ainda um escravo viúvo. Dos casados onde foi possível se saber a origem, encontramos vinte e dois africanos e quatro crioulos, os primeiros eram oriundos de Cabinda, nove; Congo, sete; Benguela, dois; Cassange, dois; Monjolo e Rebolo um. Dos três cativos descritos como casados sem a nomeação de seu cônjuge, dois são de origem africana, um Cabinda e outro Benguela. Sobre “Paulo caxoeira” não sabemos a origem.

Ainda no tocante aos casais, notamos um equilíbrio entre casais exogâmicos e endogâmicos. Quatro deles se casaram com um cônjuge de mesma procedência, Marcos Cabinda e Francisca Cabinda; Vicente Congo e Esmeria Conga; Leandro Congo e Izabel Conga e Leandro e Ignacia crioulos. Os casais exogâmicos perfizeram o mesmo número, com os seguintes casais Baptista Cabinda e Maria Cassange, Martina Monjolo e Francelina Cabinda, Fernando Congo e Antonia Cabinda e Elias Cassange com Anna Cabinda. Para os outros casais não foi possível se saber a origem dos dois cônjuges, quando esta aparece abarca em sua maioria os homens de procedência africana. Na tabela IV temos a oportunidade de visualizar o perfil dos casamentos ocorridos entre esses vinte e dois casais descritos.

TABELA V
Perfil dos casais da posse de Dona Anna Maria do Sacramento, 1837

Sexo/Origem	H. Af	H. Cr	Origem do H. não consta
M. Af	7	-	1
M. Cr	-	1	2
Origem da M. não consta	6	1	4

Fonte: Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF. (H= homens; M= mulheres; Af. = africanos/as; Cr.= crioulos/as)

Contudo, no tocante aos filhos destes casais, conseguimos saber da existência de apenas cinco crianças, todas elas contando no máximo um ano de vida; são elas: Sebastião crioulo, filho de João José e Thereza; Lourença, filha de Fernando Congo e Antonia Cabinda; Martinho, filho de Elias Cassange e Anna Cabinda; Ludovino filho de Matheus Congo e Marianna e Herculano filho de Lourenço Rebolo e Catharina. Muito provavelmente estes cativos tiveram outros filhos que não sobreviveram até o momento dessa partilha. Isto demonstra, mais uma vez, o quanto o cruzamento entre as fontes, neste caso os registros paroquiais de batismo, se torna fundamental para o conhecimento daquelas comunidades escravas bem como de suas relações familiares. Para alguns casais não foi possível conhecer a idade, mas para a maioria notamos que os homens tinham idades superiores a das mulheres. A tabela abaixo nos demonstra os vínculos familiares presentes naquela posse no ano de 1837. A princípio, a mesma contou com famílias do tipo nuclear, com e sem filhos.

TABELA VI
Vínculos familiares na posse de D Anna Maria do Sacramento em 1837

Vínculos	Nº de escravos
Casais com filhos	05
-cônjuges	10
-filhos	05
Casais sem filhos	17
-cônjuges	34

Fonte: Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. APM. Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF

No que diz respeito à distribuição do sexo daquelas comunidades cativas em relação ao seu estado conjugal, notamos que os homens eram, em sua maioria, solteiros tanto para o ano de 1831 quanto para o ano de 1837. As mulheres chegaram a 30,0% no primeiro período, e no segundo tiveram uma pequena queda chegando a 26,7% das solteiras. Diferente do ocorrido com as solteiras, as cativas casadas, que já eram a maioria no ano de 1831, elevam um pouco sua percentagem quando da partilha ocorrida no ano de 1837. O que leva a crer que o casamento deve ter sido bastante procurado e quem sabe, incentivado pelos Dias Tostes.

TABELA VII
Distribuição percentual da população escrava acima de 15 anos, segundo sexo e estado conjugal, na posse da família Dias Tostes, 1831-1837

Estado conjugal	Lista de 1831		Partilha de 1837	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Solteiros	76,2%	30,0%	75,8%	26,7%
Casados	23,8%	70,0%	23,1%	73,3%
Viúvos	-	-	1,1%	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. APM Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF

Ao contrastarmos os dados das tabelas VIII e IX podemos perceber uma diminuição no número de africanos e um aumento no número de crioulos, no decorrer daqueles seis anos. É certo que o número de cativos, onde não se foi possível saber sobre sua procedência, aumentou. Será que se os mesmos fossem provenientes do tráfico externo ou interno não teriam sido descritos com algum tipo de nomeação? Cabe ressaltar que a partilha ocorrida em 1837 teve como uma de suas características o conhecimento das procedências dos cativos pertencentes àquela posse.

TABELA VIII
Sexo e origem dos cativos de Antonio Dias Tostes, 1831*

Origem	Africano	%	Crioulo	%	pardo	%	Total	%
Sexo								
Masculino	95	64,6	9	6,1	-	-	104	70,7
Feminino	33	22,4	8	5,4	2	1,4	43	29,3
Total	128	87,1	17	11,5	2	1,4	147	100,0

Fonte: Mapas de população. Distrito de Santo Antonio do Juiz de Fora, termo de Barbacena, 1831. APM.

TABELA IX
Sexo e origem dos cativos de D. Anna Maria do Sacramento, 1837

Origem	Africano	%	Crioulo	%	Não consta	%	Total	%
Sexo								
Masculino	81	44,3	21	11,5	28	15,3	130	71,0
Feminino	26	14,2	11	6,0	16	8,7	53	29,0
Total	107	58,5	32	17,5	44	24,0	183	100,0

Fonte: Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF

Diferente da relação de habitantes de 1831, esta fonte nos possibilita conhecer um pouco mais a procedência destes africanos, que em sua maioria foram do Congo, de Cabinda e de Benguela, grupos nos quais conseguimos encontrar mais de dez cativos. Um

grupo “intermediário” contava entre oito e dois escravos distribuídos entre Cassange, Monjolo, Rebolo, Moçambique e Angola. O que poderíamos designar como o menor grupo possuía um escravo Mina e outro Muange; um outro escravo foi descrito como oriundo do Rio de Janeiro, entretanto, a imensa maioria não teve essa variável mencionada. (Tabela X)

Utilizando os dados de Mary Karasch sobre as origens africanas dos cativos oriundos do tráfico de escravos para o Rio de Janeiro, encontramos, na posse de Dona Anna Maria do Sacramento no ano de 1837, uma maioria de cativos provenientes da África Central ou Centro-Oeste Africano, formado pelas regiões do Congo Norte, Benguela e Angola. São setenta e três cativos procedentes da região do Congo Norte, compostos por Congos, Cabindas e Monjolo; dezessete, da região de Benguela; e os outros quatorze são de Angola, que abarca também os Cassange e Rebolo; temos ainda um Muange que, segundo Mary Karasch, provém desta região, mas não tem identificada sua localização na África. Há ainda um cativo da África Ocidental de procedência Mina; da África Oriental temos três escravos de Moçambique.¹¹

TABELA X
Procedência dos cativos de Anna Maria do Sacramento, 1837

Procedência	Nº de cativos	%
Congo	34	18,6
Cabinda	31	16,9
Monjolo	7	3,8
Muange	1	0,5
Benguela	17	9,3
Cassange	8	4,4
Rebolo	4	2,2
Angola	2	1,1
Mina	1	0,5
Moçambique	3	1,6
Rio de Janeiro	1	0,5
Não consta	74	40,4
Total	183	100,0

Fonte: Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF

Na partilha feita em 1837 por ocasião da morte de D Anna Maria do Sacramento quando, nos foi possível saber a origem dos cativos. Encontramos a maioria dos africanos na faixa atribuída aos jovens, totalizando oitenta e dois indivíduos (44,8%), seguidos por dois crioulos (1,1%), para os outros trinta e três cativos não sabemos a origem, há ainda um cabra (0,5%). Na faixa concernente às crianças encontramos um certo equilíbrio entre

¹¹Cf. KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

africanos e crioulos, respectivamente, treze (7,1%) e quatorze, (7,7%), encontramos ainda um cabra (0,5%); existem quatorze recém nascidos, doze deles de origem crioula e dos outros dois não conhecemos a origem. Embora não se saiba a taxa de mortalidade daquela população que provavelmente deve ter sido bem mais alta que a taxa de nascimentos conhecidos, parece que houve entre a lista de 1831 e a partilha em 1837 um crescimento vegetativo natural importante entre os cativos daquela família. Para outros quatorze escravos não foi possível se conhecer a idade o que impossibilitou-nos de saber a que faixas pertenceram, oito africanos, dois crioulos e outros quatro sem origem descrita.

Sobre à procedência dos escravos daquela posse de cativos, encontramos na faixa referente às crianças três cativos do Congo; três de Benguela, quatro de Cabinda, um Monjolo e dois Cassange, dezessete não consta. Entre os por nós designados como jovens existiram vinte e oito Congos, um Mina, um carioca, dez Benguela, vinte e quatro Cabinda, três Rebolo, seis Monjolo, dois Angola, seis Cassange, trinta e quatro não consta. O grupo dos idosos era composto por um Congo e três Benguela, para três deles não consta. Dentre os recém nascidos não há menção a procedência e entre os cativos onde não foi possível se saber a idade encontramos dois do Congo, um de Benguela. Três de Cabinda e um Rebolo, um Muange e para seis não consta à procedência.

TABELA XI
Sexo e faixa etária dos cativos de D. Anna Maria do Sacramento, 1837

Faixa etária	Recém nascido	%	1-14 (crianças)	%	15-40 (jovens)	%	41+ (idosos)	%	Não consta	%	Total
Sexo											
Masculino	9	4,9	16	8,7	89	48,6	6	3,3	10	5,5	130
Feminino	5	2,7	14	7,7	29	15,8	1	0,5	4	2,2	53
Total	14	7,7	30	16,4	118	64,5	7	3,8	14	7,7	183

Fonte: Partilha dos bens de D. Anna Maria do Sacramento, 1837. AHCJF

A análise das faixas etárias, Tabelas II e XI, permite vislumbrar que houve, entre 1831 e 1837, um aumento entre os cativos por nós considerados como jovens e uma diminuição nos denominados crianças. Sem deixar de lado outras possíveis variáveis, para uma explicação a essas oscilações como fuga, morte, venda de escravos, talvez isso possa ser explicado pelo fato de terem aquelas crianças atingido os quinze anos de idade, levando-as a compor a faixa dos jovens. Os idosos permaneceram em mesmo número. Entretanto, se agregarmos às crianças os recém nascidos, crianças com menos de um ano,

notamos que aquela escravaria contou no intervalo de tempo entre as duas fontes com um aumento de sua posse por meio do nascimento de cativos.¹²

A inventariante Francisca Benedicta de Miranda Lima, segunda esposa do Comendador Francisco de Paula Lima, declarou que seu marido havia falecido no dia 26 de novembro de 1865 e que deixara quatorze filhos¹³ Em seu inventário consta um total de 198 cativos e também outros bens como propriedades, 468 mil pés de café, ações da Companhia União e Indústria, dívidas ativas. O monte-mor deste proprietário chegou a 647:552\$400 réis. Constatamos ser uma posse majoritariamente masculina, onde os homens somam 68,2% da posse e as mulheres 31,3%. Para um indivíduo não foi possível conhecer o sexo. Oito cativos são de origem africana, dois Congos; dois Rebolos; encontramos ainda um Cabinda; um Moçambique, um Cabo Verde e outro Benguela. Os escravos descritos como crioulos são dezoito; dois deles procedentes da Bahia.

TABELA XII

Número de cativos segundo o sexo na posse de Francisco de Paula Lima, 1866

Sexo	nº	%
Masculino	135	68,2
Feminino	62	31,3
Não consta	1	0,5
Total	198	100,0

Fonte: Inventário *post-mortem* do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866. Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora (doravante AHUFJF). Cartório do 1º-Ofício Cível.

Em seu testamento de última vontade o Comendador Paula Lima deixou vários legados e não deixou ali de dar a carta de liberdade, condicional ou não, a alguns de seus cativos.¹⁴ No total foram doze os agraciados em seu testamento, o que equivale a 5,5% do total de seus escravos, quatro deles eram pardos; dois africanos, designados como Benguela e de Nação; um cativo foi descrito como crioulo, dos outros quatro sabemos apenas os nomes, sem qualquer outra denominação. A dois cativos foi dada a possibilidade da alforria caso aparecesse alguém que quisesse pagar por ela.

¹² Aqui será necessário o conhecimento das taxas de natalidade e mortalidade geral, para que possamos saber qual a taxa de aumento dessa população por meio da reprodução natural.

¹³ Inventário *post-mortem* do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866. AHUFJF. Cartório do 1º-Ofício Cível. Os filhos herdeiros eram: José Ayres Monteiro de Miranda Lima, casado; Francisco de Paula Lima, casado; José Cezario de Miranda Lima, casado; Theotônio Mauricio de Miranda Lima, 20 anos; D. Maria José, casada com o Dr. Lucas Monteiro de Castro; D. Constança casada com Manuel Vidal Barboza; José Rodrigues de Miranda Lima, 16 anos; João Evangelista, 14 anos; Romualdo, 12 anos; Marcos, 10 anos; D. Francisca, 9 anos; Benjamim, 7 anos; Lucas, 5 anos; Antonio Carlos, 2 anos.

¹⁴ Sobre as alforrias nesta localidade conferir o interessante trabalho de LACERDA, Antônio Henrique Duarte. *Os padrões de alforrias em um município cafeeiro em expansão*: Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais, 1844-1888. São Paulo, Fapeb; Annablume, 2006.

Condicionalmente deixou como forros os seguintes escravos: Francisca Rosa, Maria José parda, Calixto crioulo, Lino Benguela, Joaquim Antonio, Ventura e José Antonio com a condição de residirem em companhia de sua mulher, que lhes daria uma gratificação anual segundo o serviço que prestassem em quanto viverem.

Foi vontade do inventariante ainda que o pardo Américo, filho de sua escrava Emilia cabra, caso aparecesse alguém que o quisesse libertar pagando o seu valor, e que nenhum dos seus parentes se opusesse dando-lhe a liberdade. Igual favor ele fez ao filho de sua escrava Francisca, no testamento o responsável pela feitura do mesmo diz ignorar o nome do cativo que iria obter aquele “igual favor”. Encontramos entre os escravos inventariados quatro “Franciscas”, três delas casadas, entretanto, não há nessa fonte qualquer menção ao filho das mesmas, talvez este possa ser Alberio preto, único cativo que não aparece no testamento, mas figura no inventário como quartado. Américo não aparece no inventário do Comendador, talvez tenha aparecido alguém para libertá-lo, quem sabe seu pai. Se agregarmos este último cativo, aos que apareceram no testamento temos um total de treze cativos que receberam a carta de liberdade, 6,5% do total. Foi sua vontade que seus escravos Balbino feitor pardo; Albino de Nação e Antonio arrieiro, servissem à sua mulher por tempo de oito anos, e comportando-se cada um deles bem e a contento de sua mulher, essa lhe passaria carta de liberdade ao fim desse tempo.

O único cativo que obteve a carta de liberdade sem qualquer condição foi Virginia parda, filha da parda Maria José, sendo que no mesmo testamento o testador ainda ressalva que “caso tenha desaparecido a carta esta verba servirá de carta”, rogando à sua mulher que “lhe dê uma educação conveniente, e estado quando tiver idade.”¹⁵

Aos nove de março de 1862, encontramos a mesma Virginia sendo batizada solenemente como filha natural de Maria José, escrava do Comendador Francisco de Paula Lima. Como seus padrinhos teve, respectivamente, o filho e a nora do Comendador, José Ayres Monteiro de Miranda Lima e D. Amélia Josefina de Miranda Lima, Virginia foi a única a receber como padrinhos espirituais indivíduos de condição social livre.

¹⁵ Testamento do Comendador Francisco de Paula Lima, 1875. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

Há outros casais com filhos entre os escravos inventariados, assim como há registros de casamentos e de batizados dos cativos de Paula Lima nos livros próprios da paróquia de Santo Antonio de Juiz de Fora.¹⁶

Por meio do conhecimento do sexo e da faixa etária daqueles cativos podemos perceber que os crioulos estiveram em sua maioria na segunda faixa exposta, num total de quatorze, outros três pertencem a faixa etária de 15-40 anos, inclusive os dois da bahia, e o outro crioulo é a recém-nascida Rozaria, filha de Theophila. Os oito africanos conhecidos dividem-se entre a terceira e a quarta faixa etária, respectivamente, seis (dois Congos, dois Rebolos, um Cabinda e o outro Cabo Verde) e dois (Moçambique e Benguela). A imensa maioria dos cativos onde não foi possível se saber sua origem pertence à faixa dos jovens, totalizando cento e vinte e quatro escravos, em seguida encontramos trinta e três na faixa acima dos 41 e, por fim, quinze escravos compõem a faixa etária concernente as crianças.

TABELA XIII
Sexo e faixa etária dos cativos do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866

Faixa etária	Recém nascido	%	1-14 (crianças)	%	15-40 (jovens)	%	41+ (idosos)	%	Total	%
Sexo										
Masculino	-	-	19	9,6	87	43,9	29	14,6	135	68,2
Feminino	1	0,5	10	5,1	46	23,2	5	2,5	62	31,3
Não consta	-	-	-	-	-	-	1	0,5	1	0,5
Total	-	0,5	29	14,6	133	67,2	35	17,7	198	100,0

Fonte: Inventário *post-mortem* do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

Os cativos que foram descritos como portadores de algum ofício especializado estavam, em sua maioria, na faixa dos jovens, além do alfaiate, do tropeiro, do cozinheiro e do ferreiro também compunham essa faixa os quatro pedreiros, dois carreiros e dois carpinteiros; os outros cativos estavam na faixa dos adultos e eram, um arrieiro, três carpinteiros um carreiro além do feitor e do copeiro, totalizando dezenove escravos.

¹⁶ Arquivo da Catedral Metropolitana de Juiz de Fora.

TABELA XIV**Distribuição percentual da população escrava acima de 15 anos, segundo sexo e estado conjugal, na posse do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866**

Estado conjugal	Homens	Mulheres
Solteiros	67,2%	25,5%
Casados	32,8%	74,5%
Total	100%	100%

Fonte: Inventário *post-mortem* do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866. Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora (doravante AHUFJF). Cartório do 1º-Ofício Cível. Para um cativo não conseguimos saber o sexo.

Nesta posse também encontramos uma maior percentagem de mulheres casadas em relação aos homens, aqui vale a mesma ressalva feita para os cativos de Antonio Dias Tostes, certamente essas cifras representam também a razão entre o número de homens e mulheres que se encontravam no interior da posse, estando os primeiros em maioria, o *pool* de mulheres em idade de se casar deve ter sido um tanto quanto restrito àqueles homens.

Mesma assim conseguimos encontrar listados nesta fonte trinta e oito casais casados abarcando setenta e seis daqueles indivíduos o que equivale a 38,3% do total da posse. Oitenta e seis escravos, entre filhos pais e mães, o que equivale a 43,9% do total dos cativos, pertenceram a algum tipo de família, nesta fonte que se assemelham no que diz respeito aos vínculos familiares as encontradas para os Dias Tostes no ano de 1837.

TABELA XV**Distribuição da população escrava segundo vínculos familiares do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866**

Vínculos	Nº de escravos
Casais com filhos	11
-cônjuges	22
-filhos	11
Casais sem filhos	27
-cônjuges	54

Fonte: Inventário *post-mortem* do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível

Na maioria das vezes não há referência à origem dos cônjuges, quando esta aparece apenas um deles é designado, como pode ser visto na tabela XVI, a maioria dos cativos casados não possuía no momento do inventário sua origem descrita.

TABELA XVI
Perfil dos casais cativos em números absolutos segundo sexo e origem do Comendador
Francisco de Paula Lima, 1866

Sexo/Origem	H. Af	H. Cr	Origem do H. não consta
M. Af			2
M. Cr			2
Origem da M. não consta	2	1	31

Fonte: Inventário *post-mortem* do Comendador Francisco de Paula Lima, 1866. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível. (H= homens; M= mulheres; Af. = africanos/as; Cr.= crioulos/as)

O Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage faleceu no dia três de março de 1868, era morador na freguesia de Simão Pereira, do termo da cidade de Juiz de Fora, onde possuía fazenda e sua residência habitual, conforme consta de seu testamento de última vontade.¹⁷

Casado com Dona Florisbella Francisca de Assis Barboza Lage, tiveram em seu matrimônio quatro filhos, os quais, por lei, eram seus herdeiros.¹⁸ Declarou mais que todos os herdeiros à exceção de seus netos, receberam bens de seu casal a título de dote, ou doações, que deviam ir à colação oportunamente. Em seu testamento há menção a apenas um escravo que deveria receber a liberdade, Antonio Moçambique, deveria ser libertado logo que o testador falecesse, servindo a verba testamentária de carta que deveria ser entregue pela testamenteira.

Dentre seus bens arrolados no inventário, constam 117 escravos, oito deles encontravam-se na cidade de Juiz de Fora e os outros cento e nove, na Fazenda da Boa Esperança, Freguesia de Simão Pereira, além de ações da dívida pública, cafezais dívidas ativas e benfeitorias a importância dos bens inventariados foi de 380:674\$459.

A posse de escravos do Capitão Manoel Ignácio de Barboza Lage era composta em sua maioria por homens, 64,1%, as mulheres constituíam 35,9% de sua posse em escravos como pode ser observado na tabela XVII.

¹⁷ Testamento de Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. Livro de testamentos nº V. Arquivo Histórico da Cidade de Juiz de Fora.

¹⁸ Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º-Ofício Cível. Eram seus herdeiros o Dr. Francisco de Assis Barboza Lage, casado com D. Theresa Meyer da Fonseca Lage; D. Marianna Cândida Lage Nunes, casada com José Ribeiro Nunes; Dr. Antero José Lage Barboza solteiro; D. Anna Carolina Barboza Lage, viúva de seu filho Antonio Augusto Barboza Lage, falecido a dezenove de junho daquele mesmo ano, de cujo casal ficaram os seguintes filhos, seus seis netos: Carolina, de oito anos de idade; Manoel, de seis anos de idade; Florisbella, de cinco anos de idade; Maria da Gloria, três anos de idade; Francisca com dois anos; Antero, de idade de oito meses.

Tabela - XVII
Sexo dos escravos do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868

Sexo	Nº de cativos	%
Masculino	75	64,1
Feminino	42	35,9
Total	117	100

Fonte: Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

No que diz respeito à origem dos escravos constantes no inventário, para a maioria deles não foi possível determinar esta variável. Para aqueles onde conseguimos averiguar esta informação notamos que os homens foram em sua maioria descritos como crioulos, num total de vinte e nove indivíduos, o que corresponde a 24,8%, os designados como africanos totalizavam dezenove indivíduos, 16,2% do total da posse. As mulheres eram também, em sua maioria crioulas, dezessete ou 14,5%, as africanas foram quatro, o que representava 3,4% do total de cento e dezessete cativos. Aqueles para os quais esta informação não consta foram quarenta e oito escravos 41%.

TABELA XIII
Origem dos cativos de Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868

Origem	Nº de cativos	%
Africano	23	19,5
Crioulo	46	39,5
Não consta	48	41,0
Total	117	100,0

Fonte: Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

Tanto para os homens como para as mulheres não encontramos informações sobre suas procedências, exceções feitas a João e Felipe cariocas provenientes do Rio de Janeiro e Antonio pernambucano oriundo da província de mesmo nome.

Poucos foram os cativos descritos como portadores de algum tipo de ofício especializado, apenas três cativos: um pedreiro um carpinteiro e um tropeiro. Diferentemente de José tropeiro de trinta e oito anos, dois deles possuíam laços afetivos e familiares - o carpinteiro Bonifácio pardo de quarenta e cinco anos, casado com Cândida parda de cinquenta anos residentes na cidade e ainda Antonio pedreiro casado com Prudência esses moradores na fazenda da Boa Esperança.

A comunidade cativa desse senhor era composta, de acordo com seu inventário, por dezoito casais em estado de casado constituindo famílias, provavelmente reconhecidas pela Igreja Católica, totalizando trinta e seis indivíduos, ou seja, 30,6% do total de cativos

encontravam-se unidos pelo casamento. Nos deparamos também com três mães solteiras com seus filhos sem indicação alguma ao nome dos pais.¹⁹ Nesta posse também o número percentual de mulheres casadas excede o dos homens.

TABELA XIV
Distribuição percentual da população escrava acima de 15 anos, segundo sexo e estado conjugal, na posse do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868

Estado conjugal	Homens	Mulheres
Solteiros	67,3	35,7
Casados	32,7	64,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

Dentre os cativos que contraíram o matrimônio católico encontramos apenas um casal entre os escravos que moravam na cidade, Bonifácio pardo carpinteiro de quarenta e cinco anos, casado com Cândida parda de cinqüenta anos, aparentemente sem filhos. Os outros dezessete casais encontravam-se na fazenda da Boa Esperança. A tabela XV nos dá um panorama do perfil dos casais encontrados naquela propriedade no que diz respeito à variável origem.

TABELA XV
Perfil dos casais cativos em números absolutos segundo sexo e origem do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868

Sexo/Origem	H. Af	H. Cr	Origem do H. não consta
M. Af			
M. Cr	1		
Origem da M. não consta	10	2	5

Fonte: Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível. (H= homens; M= mulheres; Af. = africanos/as; Cr.= crioulos/as)

Notamos aí um predomínio entre os casais em que os homens são, em sua maioria, de origem africana (de nação) casados com mulheres que aparentemente não compartilham com eles a mesma origem africana, em apenas um destes casos podemos ter alguma evidência sobre a esposa André de nação casado com Joanna crioula. As mulheres que pudemos encontrar como africanas perfizeram um número pequeno, e nenhum dos cativos oriundos do continente africano as desposou. Em todos os casais, o esposo de origem

¹⁹ Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

africana ou não, era mais velho que sua esposa, exceção feita à escrava Theodora, de trinta e cinco anos, casada com Nicolau crioulo, a época com vinte e seis anos de idade.

Dos casais listados acima, a maioria deles possuía no momento do inventário, filhos designados. Com exceção de Bonifácio pardo e Cândida parda; André de nação e Joanna crioula; Calixto de nação e Brígida; Seraphim de nação e Rita e Joaquim de nação e Luiza, que não tiveram listados na avaliação nenhum filho, os demais casais tiveram seus filhos mencionados no total de vinte e nove, entre crianças e jovens. Tivemos ainda a oportunidade de conhecer as relações familiares de três escravas, a princípio mães solteiras, Minelvina parda deu a luz a três filhos, Rachel de nação a outros três e Joaquina de nação a dois, ou seja, havia um total de trinta e sete escravos com alguma referência imediata forte seja com seus pais casados e ou mães. As idades variavam entre os vinte e seis anos de Hilário filho de Fidelis de nação e Margarida, a um mês, idade de Maria filha de Antonio pedreiro e Prudência, somente não foi possível se saber a idade de um desses filhos. Essa posse possuiu, então, famílias do tipo nuclear casais com ou sem filhos e matrifocais mães e seus filhos presentes. (Tabela XVI)

TABELA XVI
Distribuição da população escrava segundo alguns vínculos familiares na posse do Capitão Manoel Ignácio de Barboza Lage, 1868

Vínculos	Nº de escravos
Casais com filhos	13
-cônjuges	26
-filhos	29
Casais sem filhos	05
-cônjuges	10
Mães solteiras com filhos	03
- mães	03
- filhos	08

Fonte: Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível.

Parece que a propriedade do Major Manoel Ignácio contou com o nascimento de cativos no incremento de sua posse de cativos. O número de nascimentos naquele plantel pode ter sido maior, entretanto, como os inventários só nos dão a conhecer um momento específico da vida do inventariado a pesquisa com os registros paroquiais deverá nos possibilitar uma incursão mais detalhada a respeito deste assunto. Se somarmos os escravos detentores de algum vínculo familiar, podemos concluir que setenta e seis cativos daquela propriedade, ou seja, cerca de 65,0%, fizeram parte de algum grupo familiar.

Quando averiguamos o sexo e a faixa etária onde se encontravam os cativos notamos uma distribuição sempre maior dos homens em todas as faixas etárias com exceção dos recém nascidos que se equivalem.

TABELA XVII
Sexo segundo a faixa etária dos cativos do Capitão Manoel Ignácio de Barboza Lage, 1868

Faixa etária Sexo	recém nascido*	%	1-14 (crianças)	%	15-40 (jovens)	%	41+ (adultos)	%	Não consta	%	Total	%
Masculino	3	2,6	16	13,7	35	29,9	20	17,1	1	0,9	75	64,1
Feminino	3	2,6	11	9,4	22	18,8	6	5,1			42	35,9
Total	6	5,1	27	23,1	57	48,7	26	22,2	1	0,9	117	100,0

Fonte: Inventário *post-mortem* do Capitão Manoel Ignácio Barboza Lage, 1868. AHUFJF. Cartório do 1º Ofício Cível. * Correspondem às crianças com menos de um ano, nesta posse elas tinham entre um e oito meses.

Esta posse também contou com uma maioria de cativos na faixa correspondente aos jovens. É interessante notar que a segunda faixa com mais cativos foi à relativa aos idosos que possuíram assim como no plantel do Comendador Francisco de Pula Lima um número considerável de cativos diferentemente do ocorrido na posse de Antonio Dias Tostes.

Talvez tenha havido por parte dos dois primeiros um maior cuidado com a saúde de seus cativos, o que possibilitou a eles uma maior longevidade, cabe ressaltar que no inventário do comendador há menção a um “hospital” no interior de sua propriedade, o fato de também não contar com um fluxo maior no que diz respeito ao tráfico de cativos pode também ter influenciado esses proprietários no que diz respeito aos cuidados com seus escravos.

O que fica indicado nestas primeiras análises é a possibilidade de por meio da ligação nominativa das fontes, melhor compreendermos como se davam as estratégias utilizadas pelos cativos na Zona da Mata Mineira durante o século XIX. Como as três famílias de grandes proprietários estavam distribuídas no decorrer deste século, o estudo de suas propriedades se faz ainda mais promissor, nos permitindo, assim, uma visão mais ampla acerca das possibilidades da formação de laços familiares dentro da comunidade escrava.²⁰

²⁰ A esse respeito é interessante o debate com a tese de ANDRADE, Rômulo Garcia. *Limites impostos pela escravidão à comunidade escrava e seus vínculos de parentesco: Zona da Mata de Minas Gerais, século XIX*. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 1995.

Bibliografia:

ANDRADE, Rômulo Garcia. Escravidão e cafeicultura em Minas Gerais: o caso da Zona da Mata. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. Editora Marco Zero, STC/CNPq/FINEP, vol. 11, n. 22 mar/ago. 1991.

_____. *Limites impostos pela escravidão à comunidade escrava e seus vínculos de parentesco*: Zona da Mata de Minas Gerais, século XIX. Tese de Doutorado. USP: São Paulo, 1995.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista 1765-1855*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LACERDA, Antônio Henrique Duarte. *Os padrões de alforrias em um município cafeeiro em expansão*: Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais, 1844-1888. São Paulo, Fapeb; Annablume, 2006.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Negócios de famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira, 1780-1870*. Bauru, S.P.: Edusc; Juiz de Fora, M.G.: FUNALFA, 2005.

PAIVA, Clotilde Andrade. Minas Gerais no século XIX: aspectos demográficos de alguns núcleos populacionais. In: COSTA, Iraci Del Nero da (org.). *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

RODRIGUES. André Figueiredo. *Um potentado na Mantiqueira: José Aires Gomes e a ocupação da terra na Borda do Campo*. São Paulo: USP, 2002. (Dissertação de Mestrado).